

ASPECTOS INTRODUTÓRIOS DA TEORIA DA CONSCIÊNCIA E DA MÁ-FÉ NAS OBRAS DE JEAN-PAUL SARTRE.

Alexandre Victor Romero¹

Resumo

Este artigo visa apresentar, de modo sucinto, o posicionamento de Sartre nas seguintes obras: *Situações I*; *Esboço para uma Teoria das Emoções*; *A Transcendência do Ego*; e *O Ser e o Nada*, tendo como escopo traçar uma linha e um modo de olhar a compreensão acerca da *consciência* e, corolariamente, da apresentação da teoria da *má-fé*. Definida essa passagem, abordaremos as discussões sobre o papel da consciência e suas implicações diante o postulado do inconsciente, de Freud, como resultante da teoria sartriana da consciência.

Palavras-Chaves: Sartre; Má-fé; Consciência; Intencionalidade; Inconsciente.

Introdução

O autor Jean-Paul Sartre possui uma gama de obras conhecidas, perpassando suas produções entre a literatura, o teatro e a filosofia. No aspecto literário, uma das principais obras de Sartre é *A Náusea*, uma espécie de ensaio filosófico em forma de romance existencial. Algumas outras obras importantes do autor são: *O Muro*, *O Diabo e o Bom Deus*, *Entre Quatro Paredes*, *Caminhos da Liberdade* (A Idade da Razão, Sursis, Com a Morte na Alma) etc. Em cada obra da literatura de Sartre há, com toda certeza, uma gama extensa de sua filosofia e pensamento. A literatura, para Sartre, apresentava-se como um palco para o seu existencialismo.

Da mesma forma que na literatura, Sartre produziu uma diversidade de obras valiosas para a filosofia, sendo seu *opus magnum* *O Ser e o Nada*. Neste livro, Sartre expõe seu pensamento sobre diversos temas, entroncando-se em uma ontologia fenomenológica. É nesta obra que grandes temas do autor são mencionados, como no caso do *ser-em-si*, *para-si*, *para-outro*, *o problema do nada*, *o olhar*, *psicanálise existencial*, *Má-fé* etc. Todos esses elementos da filosofia de Sartre estão presentes na obra, entretanto, poder-se-ia mencionar que alguns deles, em especial a *má-fé*, que será objeto de estudo neste trabalho, já havia sido trabalhada, direta ou indiretamente, em outras obras do autor. Para entender o que Sartre compreende por

¹ Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium de Lins. Licenciatura em Filosofia pelo Centro Universitário de Araras - UNAR. Pós-Graduação (*lato sensu*) em Psicologia Existencial, Humanista e Fenomenológica. Mestrando em Filosofia pela UNESP de Marília. lehzaoromero@gmail.com

má-fé, faz-se necessário a aplicação de alguns conceitos anteriores, como *intencionalidade*, *imaginário*, *tonalidades afetivas* (emoções); *graus de consciência* e o *Ego*.

Conforme a necessidade de compreender em um quadro geral os conceitos de Sartre, visando posteriormente adentrar no conceito de má-fé (e a postura crítica de Sartre contra o inconsciente de Freud), faz-se imperativo traçar um caminho em suas obras (filosóficas) e destacar os pontos centrais que permitem deliberar acerca da má-fé. Em linhas gerais, a má-fé, em Sartre, é sempre um posicionamento que indica uma conduta determinista, ou mesmo uma forma de a consciência *ser o que não é e não ser o que é*, como modo de escape frente à liberdade absoluta (indeterminação). Outrossim, Sartre nega veementemente a noção de inconsciente, alertando para a aplicação do inconsciente como uma má-fé. Deste modo, tentando alcançar alguns pontos dessa discussão, esse trabalho fará um levantamento das seguintes obras: *Situações I* (SARTRE, 2005), *Esboço para uma Teoria das Emoções* (SARTRE, 2014b), e *A Transcendência do Ego* (SARTRE, 1994), culminando na elucidação dos apontamentos sobre a má-fé, presentes em *O Ser e o Nada*.

PRIMEIRA PARTE – OBRAS FUNDAMENTAIS.

I. *Situações I* – A intencionalidade.

No livro *Situações I*, no capítulo IV: uma ideia fundamental da fenomenologia de Husserl – a intencionalidade, Sartre faz uma análise teórica sobre a noção de *intencionalidade*, apresentada pela fenomenologia de Husserl, noção essa que será sempre retomada ao se deparar com a relação da consciência com o mundo. Insta salientar que a postura analítica de Sartre para com o desenvolvimento teórico de Husserl merece destaque ímpar, *id est*, faz-se a pedra de toque fomentadora da concepção filosófica do próprio autor, sendo um dos eixos primordiais na filosofia sartriana. Vislumbrando esta abertura, Sartre inaugura seus escritos ressaltando a crítica husserliana acerca do psicologismo e de outros pensamentos “digestivos” da consciência. Nas palavras do autor:

Contra a filosofia digestiva do empiriocriticismo, do neokantismo, contra todo “psicologismo”, Husserl não cansa de afirmar que não se pode dissolver as coisas na consciência. Vocês veem esta árvore aqui – seja. Mas a veem no lugar exato em que está: à beira da estrada, em meio à poeira, só e curvada sob o calor, a vinte léguas da costa mediterrânea. Ela não conseguiria entrar em

suas consciências, pois não é da mesma natureza delas. (SARTRE, 2005, p.55-6).

Nesta primeira passagem, a noção de *estar-no-mundo* já ganha importância na concepção sartriana. Sartre quer deixar claro que as coisas não estão “na consciência”, no sentido de uma interiorização ou abstração do objeto. Do mesmo modo, salienta-se que, para estar nesta *relação*, a própria consciência também está no mundo, sempre em condição relacional, como uma “explosão” em direção *ao* mundo. Eis a noção fundamental para o surgimento do fenômeno. Com efeito, Sartre procura indicar o lugar da consciência e dos entes, proposto por esta fenomenologia, citando a impossibilidade husserliana da aplicação de uma absorção da essência da “árvore”. Ao contrário, Sartre ressalta que, para Husserl, a “[...] *consciência e o mundo são dados de uma só vez: por essência exterior à consciência, o mundo é, por essência, relativo a ela.*” (SARTRE, 2005, p.56).

Conhecer é explodir em direção “a”, desvencilhar-se da úmida intimidade gástrica para fugir, ao longe, para além de si, em direção ao que não é si mesmo, para perto da árvore e no entanto fora dela, pois ela me escapa e me rechaça e não posso me perder nela assim como ela não pode se diluir em mim: fora dela, fora de mim. (SARTRE, 2005, p.56).

Sartre desapoessa do domínio da consciência qualquer tipo de conteúdo apreendido, isto é, baseado na figura filosófica de Husserl, o autor de *Situações I* indica a desapropriação da interioridade, tão exaltada pelo psicologismo (conteúdos digestivos), uma vez que o conhecimento não é mais vislumbrado como um empossamento da coisa, pois, segundo Sartre, é de conhecimento geral que “[...] *a árvore não era vocês, que vocês não poderiam fazê-la entrar em seus estômagos sombrios e que o conhecimento não poderia, sem ser desonesto, comparar-se à posse.*” (SARTRE, 2005, p.56). A atenção nesta passagem da obra é fundamental, haja vista que está sendo definido no pensamento do autor o *lugar e modo* de relação da consciência com o mundo, emergindo justamente, com essa definição, as formas de conhecimento e apreensão dos objetos. De modo resumido, a consciência está no mundo, relaciona-se com os objetos e os apreende neles mesmos. Entretanto, não introjeta uma imagem ou perspectiva sobre o objeto, como se fosse uma sombra em detrimento do real. Ao contrário, a consciência esgota-se nesta relação diretamente com o mundo. A noção sustentada é a de que não representamos as coisas no mundo, segundo dados *a priori* da nossa consciência; não

recebemos do objeto o conteúdo nobre, “digerindo-o” subjetivamente; o que acontece é que a consciência é sempre consciência de alguma coisa e, todo objeto é objeto para uma consciência. Essa relação fomenta o surgimento do fenômeno e elucidada que de “[...] *um só golpe a consciência está purificada, está clara como uma ventania, não há mais nada nela a não ser um movimento para fugir de si, um deslizar para fora de si;*” (SARTRE, 2005, p.56).

Dessarte, os apontamentos do filósofo francês a visam esclarecer essa descoberta da filosofia fenomenológica acerca da consciência, partindo do *não-ser* da consciência em busca de *ser* aquilo que não é, dando, assim, o tom mais acentuado e conceitual da consciência, a *intencionalidade*.

Ser é explodir para dentro do mundo, é partir de um nada de mundo e de consciência para subitamente explodir-como-consciência-no-mundo. Se a consciência tentar se reconstituir, coincidir enfim consigo mesma, então imediatamente, a portas fechadas, se aniquilará. Essa necessidade da consciência de existir como consciência de outra coisa que não ela mesma, Husserl a chama de “intencionalidade”. (SARTRE, 2005, p.57).

A *intencionalidade* torna-se um dos pilares da fenomenologia husserliana, como bem quis demonstrar Jean-Paul Sartre. O estar-no-mundo, para a consciência, é estar-em-relação. A intencionalidade tensiona a consciência em direção *a* alguma coisa, fazendo assim da consciência uma consciência *de*, em direção *a*, sobretudo, em relação. Por ser um conceito fundamental, a intencionalidade da consciência descrita por Sartre, em sua leitura de Husserl, desvela-se como uma das formas possíveis de conhecer o mundo e, ademais, tendo a própria consciência (em seu caráter intencional) a potencialidade de encontrar na esfera da inseparabilidade as propriedades das coisas.

Com efeito, infere-se que nesta obra a primeira noção para auxiliar na compreensão da filosofia de Sartre nos é dada: *a intencionalidade*. A herança da fenomenologia de Husserl recai sobre o filósofo francês, que ao seu modo, leva aos extremos a noção de *intencionalidade*. Aqui, a consciência está no mundo e é uma consciência intencional, o seu movimento busca se esgotar nos objetos, nas relações.

II. *Esboço para uma teoria das Emoções – As Emoções.*

No livro *Esboço para uma teoria das Emoções*, Sartre apresenta seu projeto de compreensão intencional das emoções, assim como de sua função. Como é comum nas obras do autor, antes de apresentar sua própria teoria, Sartre realiza uma crítica contra as concepções

psicológicas do século XX. A princípio, a crítica sartriana é fundamentada contra uma psicologia empírica, destinada a catalogar e tentar explicar as emoções humanas como uma espécie de desordem psicofisiológica. Não é o objetivo deste trabalho aprofundar as críticas, no entanto, deve indicar alguns apontamentos especiais de Sartre, especialmente sobre dois autores, Janet e James. É realizado um longo cotejamento das emoções no pensamento desses autores. Jean-Paul Sartre retoma a importância da consciência e sua relação – intencional – com o mundo, encetando que somente através da consciência, “[...], por sua atividade sintética, romper e reconstruir formas incessantemente. Só ela pode explicar a finalidade da emoção” (SARTRE, 2014b, p.46). Apesar de tecer críticas contra as explicações de James e Janet, Sartre esclarece que é perpassando pelas ideias desses autores que podemos chegar a um esboço para uma teoria das emoções. Desta maneira, indica-se a seguinte citação:

Assim a teoria fisiológica de James nos conduziu, por sua insuficiência mesma, à teoria das condutas de Janet, está à teoria da emoção-forma funcional, e esta nos remete enfim à consciência. É por aí que deveríamos ter começado, e convém agora formular o verdadeiro problema. (SARTRE, 2014b, p.46).

É por meio deste itinerário que Sartre chega à *Psicanálise*, como uma teoria que contribui para a compreensão das emoções. Há um elogio da psicanálise, no qual o filósofo assume que é por meio dela que se passa a considerar a função simbólica das emoções (até então era vista como uma função psicofísica, segundo Sartre). Entretanto, a crítica ao modelo psicanalítico envereda no sentido do inconsciente e no papel determinista da teoria, pois, nesta abordagem, é plausível que “[...] o significado é inteiramente separado do significante” (SARTRE, 2014b, p.50). A psicanálise avança na compreensão dos fenômenos psíquicos (em especial sobre o entendimento da emoção), mas, em sua elaboração da instância psíquica, acaba por relegar toda significação para além do próprio significante, o que é inaceitável para o esboço de uma teoria das emoções. No *Esboço*, a consciência é ela mesma “[...] o fato, a significação e o significado” (SARTRE, 2014b, p.51). Aqui, a crítica ao inconsciente é bem consistente e clara, primeiro, pois Sartre renuncia a psicanálise por ser uma teoria determinista, sendo essa determinação arraigada ao conceito de *inconsciente*. A inconsciência, na psicologia, é algo que hipostasia a psique, sendo o inconsciente descrito muitas vezes como o condutor das ações do homem de modo velado. Como vimos, Sartre pretende dar autonomia e frisar a espontaneidade da consciência ante o mundo, portanto, não poderia aceitar que há elementos e vivências

internas alocadas em um *inconsciente*. Aqui já temos uma pista de como o inconsciente pode ser uma Má-fé.

No terceiro capítulo, denominado *Esboço de uma teoria fenomenológica*, Sartre menciona que a “[...] *consciência emocional é primeiramente irrefletida e, nesse plano, ela só pode ser consciência dela mesma no modo não posicional.*” (SARTRE, 2014b, p.55). Sartre faz isso para delimitar que as emoções são uma forma de consciência, destacando primeiramente seu caráter de relação como modo *irrefletido* (esse conceito será apresentado mais adiante). Deste modo, se a consciência também é uma consciência emocional, logo se conclui que ela é “[...] *a consciência do mundo*” (SARTRE, 2014b, p.55). Esse pressuposto sartriano fornece as premissas iniciais para se pensar a emoção como um fenômeno, haja vista que ela acontece, segundo Sartre, como uma consciência emocional que está no mundo.

Deve-se conceber do mesmo modo a mudança de intenção e de conduta que caracteriza a emoção. A impossibilidade de achar uma solução ao problema, apreendida objetivamente como uma qualidade do mundo, serve de motivação à nova consciência irrefletida que capta agora o mundo de outro modo e sob um novo aspecto, consciência irrefletida que ordena uma nova conduta – através da qual esse aspecto é captado – e serve de elemento à intenção nova. (SARTRE, 2014b, p.63-4).

Em nota à explicação sartriana das emoções, enceta-se que a consciência irrefletida – relacional – depara-se com qualidades e situações ante a mundanidade, em vias de impossibilidade e/ou chance de alteração, a consciência irrefletida apreende o mundo de uma nova maneira, modificando-o através das emoções, ou seja, as emoções são um modo de aparição/modificação do mundo. Essa percepção da consciência irrefletida é a chave na mudança de intenção e de conduta, engendrando um novo prisma de entendimento. Sartre cita essa conduta como uma conduta *mágica*. A ideia mágica das emoções é justamente o surgimento de um novo modo de apreensão do mundo perante uma conduta/intenção diferente. Em um dos exemplos, Sartre anuncia uma tentativa de alcançar um cacho de uvas, na qual o primeiro ato intencional fazia-se na tentativa de colher as uvas (que se apresentavam de modo apetecível). Entretanto, devido a uma *impossibilidade* de alçar o objeto visado, há uma tensão emocional, vindo a concluir o ato com o murmurar da expressão: “*estão muito verdes*” (SARTRE, 2014b, p.64). A conduta mágica nesta situação, está implicada na mudança de qualidade do objeto visado (uva), sendo que anteriormente havia a impossibilidade de realizar a captura do objeto, mas o mesmo se apresentava de modo apetitoso; todavia, após a constatação

inevitável de o objeto estar fora de alcance, a consciência irrefletida modifica-se, encontrando na emoção uma abertura – *mágica* – que servira “[...] de sucedâneo à conduta que não posso executar” (SARTRE, 2014b, p.64), ressaltando a nova qualidade das uvas, como estando *verdes*. Esse posicionamento ante uma situação no mundo dá margem para uma consciência emocionada modificar sua relação com o objeto intencionado, alterando juntamente sua intenção, fazendo aparecer um novo mundo. O corpo tem função exemplar nesta tarefa, segundo Sartre:

Mas a conduta emotiva não está no mesmo plano que as outras condutas, ela não é *efetiva*. Não tem por finalidade agir realmente sobre o objeto enquanto tal por meios particulares. Ela busca conferir ao objeto, por ela mesma e sem modificá-lo em sua estrutura real, uma outra qualidade, uma menor existência ou uma menor presença (ou uma maior existência etc.). Em suma, na emoção é o corpo que, dirigido pela consciência, muda suas relações com o mundo para que o mundo mude suas qualidades. Se a emoção é um jogo, é um jogo no qual acreditamos.

O corpo, dirigido pela consciência, é “encantado” com o escopo de uma mudança na relação com o mundo. Como bem exemplificado na citação acima, a estrutura real do objeto não é modificada, sendo a própria consciência que se transforma nesta relação. Essa conduta consciente é fundante para abertura de uma nova possibilidade e qualidade presentes na situação vivenciada. Nota-se que até aqui fora papel da consciência estabelecer tais condutas, onde não há margem para um inconsciente, pois a consciência não tem, “[...] *teticamente, consciência de si mesma como degradando-se para escapar à pressão do mundo: tem apenas consciência posicional da degradação do mundo que passa ao nível mágico. O fato que ela é consciência não tética de si.*” (SARTRE, 2014b, p.77-8). Retomando ao encantamento, o corpo é a chave para produzir a degradação do mundo e poder passar ao nível mágico, transformando assim o próprio mundo.

Contudo, podemos denominar de emoção “[...] *uma queda brusca da consciência no mágico*” (SARTRE, 2014b, p.88). Essa definição faz com que Sartre conclua que é por isso que não devemos reduzir o entendimento das emoções a uma desordem passageira do organismo, haja vista as emoções serem justamente o oposto, elas são uma forma de conduta e relação da consciência com o mundo, uma atitude mágica, que age pelo encantamento defronte determinadas situações. Com efeito, a emoção possui seus significados e suas qualidades na relação da consciência com o mundo. “*A emoção não é um acidente, é um modo de existência da consciência [...]*” (SARTRE, 2014b, p.88), é uma vivência intencional, dotada de

significação. Essa é a conclusão a que Sartre chega em seu *Esboço*, dizendo que uma “[...] emoção remete ao que ela significa. E o que ela significa é, de fato, a totalidade das relações da realidade-humana com o mundo” (SARTRE, 2014b, p.92). Portanto, as emoções são um modo de transformação do mundo, seja pelo encantamento ou por ele mesmo. Não há nada de inconsciente nas emoções, muito menos deve-se, segundo o autor, reduzir as emoções a uma instância psicofísica ou a uma simples resposta orgânica, uma vez que, como descrito, as emoções são parte de uma consciência emocionante, que possui e atribui significado nas relações da realidade-humana com o mundo.

III. *A Transcendência do Ego – A Consciência.*

Já vimos que a consciência é o tema central das obras sartrianas. Primeiramente é uma consciência que está no mundo; não possui interioridade (não há nada dentro dela); é uma consciência emocionante, imaginante, judicativa etc., capaz de modificar a si mesma – intencionalmente – visando sempre um objeto fora dela. Agora, o que seria a consciência? Ou como compreendê-la nesta relação de inseparabilidade com o mundo? É o que Sartre tenta responder em *A Transcendência do Ego*.

Servindo de abertura para sua exposição, Sartre ressalta que o *Ego* está no mundo, negando assim sua presença no interior da consciência. Os caminhos para essa afirmação retomam a tradição fenomenológica (como já mostrado em *Situações I*) entroncado no conceito de intencionalidade. Partindo deste posicionamento, são apresentados os diferentes *graus da consciência* e sua relação com o *Eu*, fazendo insurgir então o *Ego*. Para descrever melhor esse posicionamento, lê-se a seguinte passagem:

Com efeito, a existência da consciência é um absoluto porque a consciência está consciente dela mesma. Isso quer dizer que o tipo de existência da consciência é o de ser consciência de si. E ela toma consciência de si *enquanto ela é consciência de um objeto transcendente*. Tudo é, portanto, claro e lúcido na consciência: o objeto está face a ela com a sua opacidade característica, mas, ela é pura e simplesmente consciência de ser consciência desse objeto, é a lei da sua existência. (SARTRE, 1994, p.48. Grifo do autor).

Essa lei da existência da consciência já havia sido apresentada em obras anteriores, mas vai tomando forma mais concisa nesta apresentação. A ideia de a consciência estar-no-mundo

e de ser consciência desse objeto, em todos os momentos, é a base da filosofia sartriana. Dentro desta premissa, poder-se-ia mencionar a *consciência de primeiro e segundo grau*.

A consciência de primeiro grau (ou consciência irrefletida) é não-posicional de si mesma, isto é, ela é inteiramente consciência dos objetos/vivências intencionais, sem ser consciência de si. Mas, como já mencionado, a consciência irrefletida ainda se sabe como consciência. Ela não é, em hipótese alguma, inconsciente. É simplesmente bruta e irrefletida. Sartre elucidava o exemplo da leitura ou da escrita, onde ao realizar o *ato de ler* ou *escrever*, não há uma consciência reflexiva sobre tal ação, apenas a vivência intencionada. Deste modo, ao ler, a consciência torna-se consciência posicional do livro (objeto) e não-posicional de si. Basicamente, entende-se com essa premissa o seguinte: ao efetuar uma leitura, tenho consciência do que leio, dos personagens, dos cenários, das situações etc., todos esses elementos são objetos para minha consciência irrefletida. Porém, ao executar esse ato, não possuo consciência de ter consciência de estar lendo, ou seja, não possuo a consciência de ter consciência de todos esses elementos, existe apenas a plena consciência da leitura, mas ausência de consciência de se estar lendo, pois a consciência é tomada diretamente na relação com o objeto, sendo característica da consciência irrefletida a espontaneidade e o esgotamento em si mesma. Entretanto, tenho conhecimento de que estou lendo a todo momento. Poder-se-ia ainda afirmar que nessa consciência irrefletida não há lugar para um Eu. (SARTRE, 1994). Dessarte, faz-se possível assegurar que há uma passagem da consciência de primeiro grau para a consciência de segundo grau. Para Sartre, toda consciência irrefletida “[...] *deixa uma lembrança não-tética que se pode consultar*” (SARTRE, 1994, p.51). Dessa passagem de atitude da consciência insurge uma consciência refletida, que reconstitui os momentos e vivências da consciência irrefletida, mas, ainda não se faz como uma consciência reflexiva, haja vista que essa consciência ainda é não-posicional de si, enquanto é consciência refletida da consciência irrefletida. O que Sartre denomina consciência refletida é um “*momento*” anterior à consciência reflexiva, pois é na consciência refletida que se executa o *retorno* para os elementos da consciência irrefletida, isto é, existe uma mudança de posição da consciência. No momento refletido, insurge a consciência dos elementos da relação com a consciência, dando margem para a consciência deixar de ser não posicional de si e passar a ser consciência posicional de si, a consciência reflexiva.

Neste caso, a estrutura complexa da consciência é a seguinte: há um ato irrefletido de reflexão sem Eu que se dirige para uma consciência refletida.

Esta torna-se o objeto da consciência refletinte, sem deixar, todavia, de afirmar o seu objeto próprio (uma cadeira, uma verdade matemática, etc.). Ao mesmo tempo, um objeto novo aparece, o qual é a ocasião de uma afirmação da consciência reflexiva e não está, por conseguinte, nem no mesmo plano da consciência irrefletida (porque esta é um absoluto que não precisa da consciência reflexiva para existir) nem no mesmo plano do objeto da consciência irrefletida (cadeira, etc.). Este objeto transcendente do ato reflexivo é o Eu. (SARTRE, 1994, p. 55).

No movimento da consciência reflexiva aparece, de modo *tímido*, um novo objeto para a consciência. Esse objeto está no mundo, todavia, não é idêntico aos demais objetos, ele é de outro tipo, é diferente. Trata-se aqui do *Eu*. Sartre dirige o *Eu* como o objeto transcendente do ato reflexivo. Nota-se que este Eu não é o detentor da consciência, mas está em relação com ela. Essa relação é efetuada sempre na presença de uma consciência reflexiva, nunca na consciência irrefletida. Há uma diferenciação citada na obra entre Eu e Mim, onde o próprio autor destaca que Eu e Mim não são senão duas faces do *Ego*. A diferença consiste em que o “[...] ‘Eu’ é o *Ego* como unidade das ações. ‘Mim’ é o *Ego* como unidade dos estados e das qualidades” (SARTRE, 1994, p.58. Grifo do autor). Entendemos aqui essa diferenciação sendo uma característica *ativa* e uma *passiva* do *Ego*. A definição para o *Ego* é dada em Sartre como a “[...] unidade dos estados e das ações – facultativamente, das qualidades. Ele é unidade de unidades transcendentais e é ele mesmo transcendente.” (SARTRE, 1994, p.59).

Sartre destaca o *Ego* como esse objeto transcendente e responsável pela síntese do psíquico (aonde Sartre vai além de sua ontologia e passa a descrever a relação do *Ego* com o *psíquico*). Como o *Ego* é síntese do Eu e Mim e, esses são fundamentalmente objetos para minha consciência (estão no mundo), o *Ego* sendo a constituição de ambos é igualmente um objeto, porém, por existir somente para a reflexão, segundo Sartre, “*Ele não vive no mesmo plano*” (SARTRE, 1994, p.71). É uma síntese criadora. Com efeito, a relação do *Ego* não é uma relação de emanção, muito menos uma relação de atualização, é, antes de tudo, uma relação poética e criadora. Eis o que Sartre define como o “[...] *homem é sempre um feiticeiro para o homem*” (SARTRE, 1994, p.70). A *feiticeira* acontece sob a égide do encantamento, diretamente na relação de comprometimento que o *Ego* exerce sobre aquilo que produz, haja vista que o *Ego* é passível de ser afetado.

Nada pode agir sobre a consciência, porque ela é causa de si. Mas, ao contrário, o *Ego* que produz sofre o choque do retorno daquilo que produz. Ele está “comprometido” com o que produz. Há uma inversão de relação: a

ação ou o estado voltam-se para o *Ego* para o qualificarem. Isto traz-nos de volta ainda à relação de participação. Todo e qualquer novo estado produzido pelo *Ego* tinge e matiza o *Ego* no momento em que o *Ego* o produz. O *Ego* está, de algum modo, enfeitado por esta ação, participa nela. (SARTRE, 1994, p. 70. Grifo do autor).

Contudo, resume-se que a consciência possui diferentes graus, mas é sempre consciência de si, sendo intencional em direção/relação com o mundo. Em meio à consciência irrefletida, que é espontânea e autônoma em sua relação, bem como não posicional de si, faz-se possível a mudança de *posição* da consciência fazendo surgir em meio ao ato refletido uma consciência reflexiva. Seguindo desta maneira, insurge o Eu (condição de atividade da consciência) como um objeto transcendente para o ato reflexivo. Sartre ainda define que há duas polaridades diferentes, sendo a condição de *atividade da consciência (Eu)* em relação à *passividade* dos objetos (*Mim*), onde a síntese realizante dessa condição é resultante do *Ego*. Neste processo, o aparecimento do *Ego* é sempre tímido e fugidio. Segundo Sartre, “[...] o *Ego* só aparece quando não o olhamos.” (SARTRE, 1994, p.73). O problema de o *Ego* sempre poder ser visto apenas pelo canto do olho, como quer Sartre, é que ao tentar atingir ao *Ego*, volta-se minha consciência para ele, “[...] recai no plano irrefletido e o *Ego* desaparece com o ato reflexivo” (SARTRE, 1994, p.74). Sendo assim, o *Ego* é processo sintético que aparece sempre para uma consciência. O *Ego* não detém a consciência, muito menos está em seu interior. Ele encontra-se no mundo angariado ao movimento da consciência.

Com essa exposição, Sartre tenta deixar amarrado o que mobiliza a consciência, onde ainda nesta obra ele tenta escapar do *solipsismo* e da disputa entre o *empirismo* e o *idealismo*, quiçá não resolvendo o problema de onde emana todo conhecimento do sujeito, mas vindo a encerrar a problemática dizendo que tudo acontece no fenômeno, ou seja, na presença de uma consciência no mundo (*para-si*) em relação com os objetos (*em-si*), sendo então a existência e conhecimento fruto deste encontro. Talvez por essa razão a recusa também pelos elementos deterministas que, por princípio, acabariam por encerrar toda a estrutura da consciência proposta por Sartre.

SEGUNDA PARTE – A MÁ-FÉ.

Como demonstrado – de modo sucinto – na primeira parte deste trabalho, descreve-se que Sartre direciona várias obras para explanar seu entendimento sobre os conceitos de *intencionalidade*, *emoção*, *consciência* etc., e, como elucidado, em nenhum conceito

apresentado, a teoria sartriana indica algum postulado para defender a teoria do inconsciente. É, todavia, no sentido oposto a esse conceito que Sartre insiste em fundamentar sua estrutura filosófica e reatestar, seja na intencionalidade (passando pelas emoções) até a formulação de sua egologia, que a consciência é sempre intencional e consciência de alguma coisa.

Doravante, Sartre vai encetar para a terminologia da *má-fé* como uma espécie de resposta à fatores deterministas, em destaque para as formulações da teoria do inconsciente freudiano. De imediato, faz-se possível apontar que se Sartre permitisse abertura para as afirmações postas por Freud sobre o inconsciente, todas as formulações apresentadas aqui (em todas as suas obras), pelo autor francês, teriam sido que relegadas ao ostracismo, uma vez que, na estrutura da psique freudiana, há espaço para uma *potência* não consciente, que é determinante para os fenômenos psíquicos e tem relação direta com o *Ego*, em esfera de determinação. Sartre abomina essa concepção, que teria como consequência direta a abolição da liberdade radical do homem e a transformação consequente do para-si. Pois bem, aqui o fator é demasiadamente simples: não há liberdade radical ante um inconsciente. Esse postulado retira da consciência sua condição de ser sempre consciente e, assim, retira do sujeito sua *responsabilidade* para com suas escolhas e projeto (*engajamento*) de ser. Sendo assim, Sartre indica que a *má-fé*:

Costuma-se igualá-la à mentira. Diz-se indiferentemente que uma pessoa dá provas de má-fé ou mente a si mesma. Aceitemos que má-fé seja mentir a si mesmo, desde que imediatamente se faça distinção entre mentir a si mesmo e simplesmente mentir. Admitimos que a mentira é uma atividade negativa. Mas esta negação não recai sobre a consciência, aponta só para o transcendente. (SARTRE, 2014a, p.93).

A *má-fé* enquanto uma mentira é uma espécie de negação. Resta indicar que tal negação não é um ato de esconder uma verdade ou criar uma mentira, propriamente falando. A *má-fé*, neste contexto, é de outro caráter. No sentido da negação, a *má-fé* recai sobre o ser consciente, numa perspectiva onde o *ser é o que não é e não é o que é*. (SARTRE, 2014a). Reitera-se que essa é uma definição precisa do conceito de *má-fé* dentro do espectro da consciência (do qual já fora descrito), na *má-fé* o *ser é o que não é e não é o que é*. Entrementes, a *má-fé* tem como práxis a estrutura própria da consciência e, também do ser. Sartre coloca em lume a dualidade do *enganador e do enganado*, comumente na mentira, dizendo:

[...], para quem pratica a *má-fé*, trata-se de mascarar uma verdade desagradável ou apresentar como verdade um erro agradável. A *má-fé* tem na

aparência, portanto, a estrutura da mentira. Só que – e isso muda tudo – *na má-fé eu mesmo escondo a verdade de mim mesmo*. Assim, não existe neste caso a dualidade do enganador e do enganado. A má-fé implica, por essência, ao contrário, a unidade de uma consciência. (SARTRE, 2014a, p.94. Grifo nosso).

Essa demarcação de espaço entre má-fé e mentira aparentemente é simbólica, mas para apresentar e entender a crítica direcionada ao inconsciente, essa noção, a princípio, faz-se fator *sine qua non* de compreensão, tendo em vista a divisão entre o enganador e o enganado. Até aqui, a má-fé se iguala a mentira, mas em uma topologia diferente, sabendo-se como enganadora e enganada, ao mesmo tempo, pois na condição de má-fé a “realidade humana” está sendo *o que não é e não sendo o que é*.

Para Sartre, na mentira há uma relação direcionada, engendrando a condição de um enganador e de alguém, logicamente, enganado. Essa estrutura da mentira não serve mais para a má-fé, pois, na má-fé apreende-se o ser sendo o que não é e não sendo o que é. Agora, a dualidade está encerrada, pois a mentira (ou esconder a verdade) direciona-se a si mesmo. Em primeiro momento não há problemas nesta condição, todavia, ao rememorar o conceito da consciência em Sartre, elucida-se que todos os graus de consciência(s) são conscientes (irrefletido, reflexivo ou refletido) e, ao deliberar que na má-fé se volta para si mesmo em condição de consciência é lançada toda responsabilidade do ato ao sujeito, sendo ele o detentor – consciente – de sua má-fé (de estar sendo o que não é e não ser o que é). Portanto, para aquele em condição de má-fé, “[...] *deve ter consciência (de) sua má-fé, pois o ser da consciência é consciência de ser. Logo, parece que devo ser de boa-fé, ao menos no que toca a ser consciente de minha má-fé.*” (SARTRE, 2014a, p.95). Arrazoando tal arcabouço, podemos definir a má-fé como esse movimento da consciência de negação de um aspecto – verdade – do ser em detrimento de outro. Sendo sempre consciente, como dito, efetuando a cisão ente o enganador e o enganado. E, como dito por Sartre, na situação de má-fé, há sempre uma boa-fé, no sentido de estar consciente sobre seu ato de *negação*. Em certa medida, a má-fé é consciência de ser (livre e indeterminada – Para-si) e mediante a isso, tenta não sê-lo, dando ênfase em determinismos ou justificativas que legitimem sua ação perante o mundo. Por essa razão, na má-fé aponta-se a questão do ser tentar vir-a-ser o que não é e não ser o que é, podendo agora ser traduzido como o ser “tentando” deixar de ser livre e não sendo livre por escolha livre. Deste ponto de vista, a má-fé encobre a condição do *para-si* (consciência). Essa seria a própria intencionalidade da má-fé. Essa descrição, como vimos em pontos fundamentais do autor, em

nada tem relação com o inconsciente, pois a consciência tem consciência de sua condição no mundo, sendo esse não ser perante os objetos (*em-si*) que simplesmente são e, por ser assim, pode assumir a condição – abertamente consciência – e tentar não ser mais esse *para-si*. Essa passagem é muito bem delimitada a seguir:

A má-fé, dizíamos, tem por objetivo colocar-se fora do alcance; é fuga. Vemos agora ser necessário usar os mesmos termos para definir a sinceridade. E então? [...]. Mas, igualmente, para poder sequer conceber uma *intenção* de má-fé, preciso, por natureza, escapar ao meu ser no meu ser. Se eu fosse um homem triste ou covarde assim como esse tinteiro é tinteiro, sequer seria concebível a possibilidade de má-fé. Não apenas não poderia escapar ao meu ser, como sequer poderia imaginar poder escapar. Mas, se a má-fé é possível, a título de simples projeto, é porque, justamente, não há diferença tão aguda entre ser e não ser, quando se trata de meu ser. A má-fé só é possível porque a sinceridade é consciência de errar seu objetivo por natureza. (SARTRE, 2014a, p.113-4. Grifo nosso).

A má-fé é um projeto da própria consciência de errar seu objetivo por natureza, que é o de não ser (*para-si*). Com efeito, ao perdurar no ato da má-fé, há, justamente, essa intencionalidade de escapar ao meu ser (no meu ser). Em relação aos objetos (*em-si*), Sartre deixa claro essa relação, só existe o projeto de má-fé devido a nosso ser não ser do mesmo tipo do ser do tinteiro, isto é, o ser (do *para-si*) não é, enquanto o tinteiro é (*em-si*). Neste prisma, a consciência é de outra natureza em relação aos objetos e, ao tentar não ser o que é, acaba por tentar se delimitar, instaurando um projeto de má-fé. Afora, poder-se-ia inferir que os parâmetros iniciais da conceituação da má-fé estejam minimamente delimitados e, portanto, insta salientar a conduta da crítica de Sartre sobre o inconsciente freudiano e sua problemática na má-fé.

A crítica de Sartre ao determinismo psicológico da psicanálise reside no fato desta buscar uma causa *pregressa* de todos os atos humanos, não levando em conta a consciência intencional, capaz de agir com liberdade frente ao mundo. Contra essa postura determinista, ele propôs uma psicologia prospectiva, na qual o *Para-si* é hiante e o desejo o move sempre a uma superação da situação atual, que é precisamente a liberdade. (RAFFAELI, 2002, p.326).

Como citado, a crítica de Sartre ao ponto da psicanálise é o fato desta buscar a *causa pregressa* para toda ação do sujeito. Deste modo, caso aceite esta tese, por Sartre, seria inconcebível admitir um ser livre; muito menos um ser – totalmente – responsável por suas ações ou totalmente consciente, haja vista que a consciência estaria refém de si mesma, numa

situação em que o que impera, em abundância, são causas progressas. Obviamente que Sartre não poderia aceitar essa conduta teórica da psicanálise, onde o *homem não é senhor da sua própria casa* (consciência), fazendo alusão a um postulado clássico de Freud. Para Sartre, o homem é sempre senhor de sua própria casa, em toda situação de sua existência. O filósofo francês ressalta que:

De fato, pela distinção entre o “Id” e o “Eu”, Freud cindiu em dois a massa psíquica. *Sou eu*, mas não sou o “Id”. Não tenho posição privilegiada com relação a meu psiquismo não consciente. Sou meus próprios fenômenos psíquicos, na medida em que os constato em sua realidade consciente: por exemplo, sou este impulso de roubar tal livro dessa vitrine, formo corpo com esse impulso, ilumino-o e me determino em função dele a cometer o roubo. (SARTRE, 2014a, p.96. grifo do autor).

Sartre parece entender o conceito de Freud sobre o “Id” sobrepujando o consciente. O filósofo afirma a ideia de que “*Sou eu, mas não sou o ‘Id’*”, ou seja, o sujeito freudiano tem consciência, mas não é inteiramente sua consciência. Se analisarmos do ponto de vista freudiano o conceito de consciência sartriano, obviamente teríamos um problema também, pois Freud provavelmente apontaria o problema de a consciência sempre ser consciente. O que demonstra a incompatibilidade teórica – e de terminologias – sobre o que vem a ser a consciência e, agregado a isso, o ser/natureza dessa consciência. Já vimos em Sartre que essa consciência é consciência a todo momento, possuindo graus de consciência, mas sempre estando consciente. A partir deste ponto que Sartre instaura sua ideia do inconsciente como uma má-fé e como recusa absoluta da condição de liberdade e margem para legitimação da má-fé como um processo de determinação engendrado pelo inconsciente. Isto fica evidente nesta passagem:

Assim, a psicanálise substitui a noção de má-fé pela ideia de uma mentira sem mentiroso; permite compreender como posso não mentir a mim, mas ser mentido, pois coloco, em relação a mim mesmo, na situação do outro; substitui a dualidade do enganador e do enganado, condição essencial à mentira, pela dualidade do “Id” e do “Eu”, e introduz em minha subjetividade mais profunda a estrutura intersubjetiva do *mit-sein*. (SARTRE, 2014a, p.97).

Para Sartre, encontra-se aqui a condição da psicanálise como um elemento de má-fé, principalmente por substituir, como dito, a noção da dualidade do enganador e do enganado, inserindo a noção do “Id” e do “Eu”. Essa dualidade é compreendida na questão do *mit-sein* citada, pois na concepção de Sartre, o inconsciente permite a presença de um outro eu, sobre o

qual sua relação de inconsciente e consciência estabelece a mentira primordial, não somente substituindo a relação entre enganador-enganado, mas criando uma nova relação de interação do ser da consciência consigo mesmo que, afora, ainda pode determinar-se incondicionalmente sem ressalvas ou controle, legitimando assim as ações predeterminadas e determinantes do ser, vindo a tolher a concepção do Para-si entendida por Sartre. Dizendo de outra maneira, o inconsciente permite justificar a má-fé como um ato “exterior” ao ser, reduzindo sua consciência a elementos secundários e, por isso, retira plenamente a liberdade e responsabilidade ante a relação da consciência com o mundo (e sua intencionalidade), deixando a cargo do inconsciente ser o que é e não ser o “Eu”, mas determinando-o de certo modo. Sartre ainda afirma que o conceito de inconsciente “hipostasiou-se e ‘coisificou-se’ a má-fé, sem evitá-la” (2014a, p.100).

Logo, essa é a crítica de Sartre à teoria freudiana do inconsciente e, como demonstrado, a intencionalidade na má-fé efetua-se onde o ser *é o que não é e não é o que é*, sendo essa intencionalidade (como visto no início do trabalho, uma explosão em direção ao mundo) sempre consciente, devido ao caráter adotado por Sartre para descrever a consciência. Ululantemente que essa concepção sartriana perpassa também a condição das emoções, pois, como retratado em sua obra (*Esboço*), o encantamento e o processo *mágico* são de conhecimento consciente, estando fora de um processo determinista. À guisa de conclusão, esse ensaio tentou demonstrar os pontos em que Sartre infere sua teoria, desde alguns de seus ensaios iniciais até sua ontologia fenomenológica da obra *o Ser e o Nada*, deixando translúcida sua recusa ao inconsciente, descrevendo não existir nenhuma motivação (ou autoengano) perante a natureza da consciência. Quando há uma tentativa de a consciência deixar de ser aquilo que é (Para-si), Sartre trata de descrever esse aspecto como uma má-fé, dizendo inclusive que se trata de uma boa-fé (sinceridade), haja vista a ciência da própria consciência sobre seus atos (enganador-enganado). Mas, quando Freud impõe sua instância psíquica, Sartre trata de esclarecer essa impossibilidade de uma força controlar a consciência, sem destino e determinando-a, indicando assim a alusão do conceito de enganador-enganado para explicar o quão prejudicial essa concepção seria para sua ontologia, em especial, para seu projeto de existência.

Considerações Finais

Apesar de apresentado de modo resumido, a teoria sartriana aqui ilustrada indica uma postura contra formulações deterministas, organicistas, psicologistas, naturalistas etc., onde

Sartre deixa muito bem elucidado seu pensamento em relação a como deve ser considerada sua filosofia, como uma radical apologia à *liberdade*. Portanto, desde suas obras preliminares, com grande influência da fenomenologia husserliana, Jean-Paul Sartre tenta preparar o terreno para sua ontologia fenomenológica, construindo ao longo de suas exposições, como demonstrado, um caminho possível para fomentar sua monumental obra, *O Ser e o Nada*. A questão que sempre parece ter sido uma inquietação do autor fora como superar algumas teorias deterministas, em especial, da corrente do psicologismo e de sua herança de uma subjetividade arraigada ao ideal de *interioridade* da consciência, obrigando Sartre a demonstrar que *toda consciência é explosão em direção "a"*, acompanhando os traços husserliano e, ao passo que avançava em suas preposições filosóficas, desvelou um arcabouço que tentou dar conta de temáticas delicadas, como as emoções e a própria consciência, vendo-se obrigado a lançar lume nestes fenômenos mediante o próprio mundo, tentando escapar das armadilhas idealistas e materialistas através da ótica da intencionalidade, superando assim todo determinismo imposto até aquele momento. Entretanto, Sartre enceta-se sempre tangenciando a sombra da recusa do *inconsciente* de Freud, defendendo sua teoria da consciência intencional com todas as forças, onde seus esforços parecem resultar no engendramento da teoria da má-fé na obra *O Ser e o Nada*, dialogando diretamente com Freud e negando-o como maneira de afirmar-se filosoficamente.

Referências

RAFFAELI, R. Sartre e a Psicanálise. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, EDUFSC, n.32, p.321-328, 2002. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/25267> > acesso em 30 jan. 2020.

SARTRE, J. P. O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução de Paulo Perdigão. 23. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014b.

_____. A Transcendência do Ego. Tradução de Pedro M. S. Alves. Lisboa: Edições Colibri, 1994.

_____. Situações I. Tradução Cristina Prado. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

_____. Esboço para uma teoria das emoções. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2014a.

ASPECTOS INTRODUCTORIOS DE LA TEORÍA DE LA CONCIENCIA Y DE LA MALA FE EN LA OBRA DE JEAN-PAUL SARTRE.

Resumen

Este artículo pretende presentar, de forma sucinta, la posición de Sartre en las siguientes obras: Situaciones I; Esquema de una teoría de las emociones; La trascendencia del ego; y El ser y el nada, con el objetivo de trazar una línea y una forma de ver el entendimiento sobre la consciencia y, corolario, la presentación de la teoría de la mala fe. Definido este pasaje, abordaremos las discusiones sobre el papel de la consciencia y sus implicaciones frente al postulado del inconsciente, de Freud, como resultado de la teoría sartriana de la consciencia.

Palabras clave: Sartre; Mala fe; Consciencia; Intencionalidad; Inconsciente.